

Álcool: O Tóxico Consentido

A diferença para ser diferença, tem de fazer diferença

Gertrude Stein

Para reduzir o alcoolismo e doenças associadas é necessário promover de facto a redução significativa de ingestão de bebidas alcoólicas.

A gravidade do problema em Portugal tem sido denunciada em Seminários que envolvem regularmente os mesmos especialistas¹. As conclusões e recomendações são correctas¹, a implementação das mesmas é nula.

Na cultura portuguesa, o alcoolismo é um problema particularmente difícil de resolver. O baixo nível educacional em geral e a tímida educação para a saúde, aliam-se à denegação colectiva de que existe uma situação de ingestão regular excessiva de bebidas alcoólicas, vinho em particular, que determina elevada morbilidade e mortalidade. Existe uma atitude inconsistente e de hipocrisia da classe política que preside a sessões, ex.: *Europa contra o cancro* em que o álcool é apontado como factor importante, enquanto permite nos meios de comunicação programas e publicidade apetecíveis. Os médicos e restante pessoal de saúde, geralmente tomam uma atitude indulgente. Mesmo face ao indivíduo em risco ou já com doença alcoólica, permitem a manutenção da ingestão, embora aconselhem moderação. A atitude correcta é a abstinência, sem o que não há regressão ou estabilização das lesões. De resto, entre nós, a moderação ou o *normal* em termos de ingestão de álcool é um conceito bastante inflacionado. Se atentarmos a que a ingestão regular de 1 g/kg de peso é potencialmente tóxica, mas em estudos epidemiológicos internacionais, relativos a risco de doença alcoólica, se utilizam os 35 g/dia como critério para elevada ingestão, média entre 9 e 34 g/dia e baixa se inferior a 9 g, só a prescrição de abstinência corresponde ao cumprimento do dever profissional.

Estudar ou tratar alcoólicos não é fácil, dada a dificuldade de cooperação e comunicação. Mas o álcool não dá força, como fonte de energia é insuficientemente utilizada e pode intervir no metabolismo de outros nutrientes, particularmente proteínas, para além dos efeitos tóxicos directos também a nível dos músculos. Provoca diminuição da capacidade de atenção, fraqueza, aumento de fadigabilidade e miopatia crónica em 50 a 75% dos alcoólicos².

Ao contrário de outras tóxicodependências, o alcoolismo é social e medicamente despenalizado. Pode actuar como tóxico directo, embora alguns indivíduos pareçam continuar de boa saúde. Provoca doenças, nem sempre clinicamente evidentes: tracto gastrintestinal, malnutrição, hepática, endócrina, renal, pancreática, cardiovascular, neuropsiquiátrica, muscular, cancro^{1,2}. Provavelmente diferentes bebidas alcoólicas provocam doenças diferentes¹⁻⁴.

É fundamental a investigação dos *Problemas ligados ao Álcool* para determinar a diferença nos conceitos e atitudes.

REFERÊNCIAS

1. Revista do Centro de Estudos de Nutrição 1989; 13: 4-46.
2. Alcohol and Nutrition. J. Powell-Tuck ed. European J Gastroenterology and Hepatology 1990; 2: 393-432.
3. S. NAVEAU e col.: Are alcoholic beverages equivalent in their potential to cause alcoholic liver disease? European J Gastroenterology and Hepatology 1991; 3: 265-269.
4. J. PENEDA: Cirrose hepática alcoólica em Portugal — Problemas na patogenia da doença, 1991, Ed. do autor.

ERMELINDA CAMILO